

# A QUESTIONABILIDADE DO CONCEITO DE PAISAGEM

## *About the questionability of landscape notion*

Gert GRÖNING<sup>1</sup>

*Em nova luz a paisagem se apresenta aos  
amantes na primavera<sup>2</sup>*

### RESUMO

Com frequência o conceito de paisagem parece estar associado a esperanças igualmente misteriosas e, de alguma forma, supostamente capazes de transmitir a verdade, em especial desde que, na República Federal da Alemanha, se propagou o ideário ecológico. Para essa afirmativa encontramos reiterada comprovação nas pesquisas paisagísticas da segunda metade do século 20 que, como me parece, embora tenham sido realizadas numa época em que a industrialização já era um fato onipresente, estão vinculadas a uma noção pré-industrial de "paisagem", ou seja, a uma "paisagem" em que a indústria era ainda inexistente. Neste estudo pretendo também chamar a atenção para alguns temas como: o conservadorismo do interesse pela "paisagem", o surgimento da "paisagem" como programa social, a "paisagem" da era nacional-socialista, a "paisagem" dos adversários da urbe, a "paisagem" de cunho antroposófico e, finalmente, o papel da "paisagem" no século XX e início do século XXI; esses temas poderão contribuir para a compreensão dos motivos que tornam questionável a persistência de um tal conceito de "paisagem".

### Palavras-chave:

Paisagem, sociedade, cultura, espaços livres

### ABSTRACT

Both the notion of "landscape" and mysterious hopes seem to be linked together and they are believed to somehow tell the truth. In the Federal Republic of Germany this especially seems to have increased after ecological thoughts which began to circulate from the 1970s onwards. In the last quarter of the twentieth century, repeated studies about a so-called "landscape picture", at a time of omni-present industrialization adhered to a pre-industrial image of "landscape", that is a "landscape" without industry, document this.<sup>4</sup> Further a few points are presented such as the conservative interest in "landscape", the development of "landscape" as a societal program, the "landscape" in National Socialism, the "landscape" of those hostile towards cities, the anthroposophically oriented "landscape", and, finally, the role of "landscape" in the twentieth and the beginning of the twenty-first century. The final goal is to elaborate on the notion that it is questionable to further stick to such a notion of "landscape".

### Key-words:

Landscape, society, culture, open spaces

<sup>1</sup> Garden Culture and Open Space Development Institute for History and Theory of Design Berlin University of the Arts Berlin, Germany.

<sup>2</sup> A citação é do filme "Kuhle Wampe", rodado em 1931 ou 1932. Texto de Bertolt Brecht, música de Ernst Busch. Tema do filme é o desemprego, e a ação se desenrola na Colônia "Kuhle Wampe", fundada em 1913 na periferia de Berlim. Segundo informação do próprio filme, por volta de 1930 havia no local 93 barracas de lona que abrigavam 300 moradores. Uma família composta de quatro pessoas, sendo que apenas a filha está empregada, é obrigada a deixar sua moradia na cidade por não poder mais pagar o aluguel. O filho, embora tente por todos os meios, não consegue encontrar trabalho e, não suportando mais as censuras do pai, atira-se da janela. Esta parte do filme se intitula "Um desempregado a menos". Um conhecido da filha convida a família a mudar-se para a barraca dele em "Kuhle Wampe". Como não há outra alternativa, a família muda-se para o "campo". Essa área verde na periferia, localizada à beira de um lago e cercada por campos e bosques, é mostrada no filme em seqüências relativamente longas. Ali a filha se apaixona pelo seu conhecido, e a citação acima encontra-se inserida nesse contexto.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, THOM, Siegfried. Festlegung von Vorrangstandorten für Windenergienutzung im Regionalen Raumordnungsprogramm, *Informationsdienst Naturschutz Niedersachsen*, v. 20, n. 3, p. 141-149. 2000.

<sup>4</sup> See, for example, THOM, Siegfried. Festlegung von Vorrangstandorten für Windenergienutzung im Regionalen Raumordnungsprogramm (Determination of locations of preference for the use of wind energy in a regional program for spatial ordering). *Informationsdienst Naturschutz Niedersachsen*, v. 20, n. 3, p.141-149. 2000.

## O CONSERVADORISMO DO INTERESSE PELA “PAISAGEM”

A reivindicação do paisagista Walter Rossow (1910 – 1992)<sup>5</sup> caracteriza o conservadorismo do interesse pela “paisagem”: “A paisagem deve ser a lei”<sup>6</sup>. A expressão reapareceu como título de capítulo num livro sobre o paisagista suíço Ernst Cramer<sup>7</sup>. É similar à afirmação “A natureza deve ser a lei”, que foi votada por aclamação para fazer parte de uma resolução da *International Federation of Landscape Architects (IFLA)*, por ocasião do encontro anual da Federação em Munique, em 1983. Nesse congresso mundial de paisagistas, as leis da natureza foram consideradas superiores às Constituições das sociedades. No parágrafo 3º da referida resolução, lemos:

É preciso tornar claro a todos os homens que eles são, de forma implacável e inevitável, parte da natureza e estão primeiramente sujeitos às leis naturais. As leis humanas – desde as Constituições das nações até às normas jurídicas e técnicas – ocupam uma posição secundária; só se pode exigir que sejam cumpridas se estiverem em consonância com as leis da natureza.<sup>8</sup>

Influenciado pelo excepcional naturalista inglês Charles Darwin (1809) e pelo médico alemão, posteriormente professor de Zoologia e inventor da Ecologia Ernst Haeckel (1834 - 1919), Willy Lange (1864-1941)<sup>9</sup> – um paisagista muito conhecido na Alemanha nas primeiras três décadas do século 20 –, fez uma afirmação semelhante ao dizer que o homem só na aparência pensaria de acordo com leis livremente constituídas, que ele, na verdade, pensaria de acordo com leis naturais e formaria uma unidade com a natureza.<sup>10</sup> Segundo Lange, o fato de as leis da natureza se situarem além da razão humana dava-lhes uma relevância especial. Infringir as leis da natureza seria para Lange uma “arbitrariedade que o homem não poderia

requerer para si “como liberdade”, a não ser que ele – como louco – renunciasse a si mesmo como parte da natureza”, por isso: “Nunca se contrarie tal princípio!”<sup>11</sup>

O homem é o único ser que formula leis naturais, às vezes as revisa, divulga-as nas escolas, reflete e discute sobre elas, revoga-as por razões religiosas, ou seja, culturais e, passados muitos séculos, volta a aceitá-las. Como exemplo significativo podemos mencionar o conflito entre a Igreja Católica e o astrônomo e matemático italiano Galileo Galilei (1564 - 1642). Embora há muito tempo nenhum cientista duvidasse de que a terra gira em torno do sol, a Igreja Católica só no final do século 20 encontrou condições para abandonar sua noção de que a terra é o centro do universo.

Leis da natureza sobrevivem apenas enquanto houver homens procurando entrar em acordo sobre elas, ou seja, tentando estabelecer uma relação com elas. Na primavera de 2002, na Antártida, um enorme bloco de gelo do tamanho do Estado do Sarre despreendeu-se do continente dividindo-se em muitas partes e derretendo-se rapidamente, mas a quantos graus centígrados esse fenômeno natural ocorreu é uma questão que não interessa ao bloco de gelo. Entretanto, supondo que cheguemos a um acordo sobre as condições que determinam a validade das leis da natureza, qual seria então nosso entendimento da lei da “paisagem”, um conceito que dificilmente seria considerado “científico” por quem quer que seja?

## O SURGIMENTO DA “PAISAGEM” COMO PROGRAMA SOCIAL

Considerando a história do homem sobre o planeta terra, constatamos que o conceito de “paisagem”, pelo menos na Europa, é bastante recente. É certo que foi determinado pelo homem.

Fator decisivo para que se propagasse a noção de que um certo lugar é uma “paisagem” foi a sua

<sup>5</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas sobre Rossow consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Biographisches Handbuch zur Landschaftsarchitektur des 20. Jahrhunderts in Deutschland*. Berlin, 1997. p. 322-323.

<sup>6</sup> ROSSOW, Walter. 1984. *An Stelle einer neuen Beschreibung der Situation: Auszüge aus Beiträgen zum Thema im Zeitraum von 25 Jahren*, München 1960. ANDRESEN, Erik; DALDROP-WEIDMANN, Monika; DALDROP, Norbert W.; ROSSOW, Walter (Hg.). *Bauen in der Landschaft, Katalog, Akademie der Künste*. Berlin. p. 144-145.

<sup>7</sup> WEILACHER, Udo. *Visionäre Gärten, Die modernen Landschaften von Ernst Cramer*. Basileia. 2001.

<sup>8</sup> IFLA, International Federation of Landscape Architects 1983: IFLA-Resolution 1983, votada por aclamação durante o ato de encerramento do XXI. Congresso Mundial da IFLA (International Federation of Landscape-Architects) em München, em 2 de Setembro de 1983. In: *Das Gartenamt*, v. 32, n. 11, p. 673-676, hier p. 673.

<sup>9</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas sobre Lange, consulte “Lange, Willy” In: GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Biographisches Handbuch zur Landschaftsarchitektur des 20. Jahrhunderts in Deutschland*, Berlin, 1997. p. 214-216.

<sup>10</sup> Ver “Lange, Willy”. In: *Der Garten und seine Bepflanzung, Das Leben der Pflanzen*, Stuttgart, v. 7. 1913.

<sup>11</sup> “Lange, Willy”. In: *Gartenbilder. Leipzig*, 1922. p. 4.

descoberta pelos pintores. Assim o francês Nicolas Poussin (1594 - 1665), cujos trabalhos foram realizados em grande parte na cidade de Roma, em 1629 pintou o quadro “Pastores da Arcádia”, em 1658 a “Paisagem com Órion” e de 1660 a 1664 a série “Quatro Estações”. Da mesma forma, os quadros do pintor barroco Salvatore Rosa (1615 - 1673), nascido na Itália, influenciaram significativamente o que muitos na Europa identificavam como “paisagem”. Ou seja, o que se designava por “paisagem” era apresentado de uma maneira que agradava aos que pagavam pelos quadros e pelas descrições. Tais “paisagens” omitiam de forma premeditada tudo que fosse desagradável, por exemplo, a injustiça social que clamava aos céus e dava origem a tais “paisagens”.<sup>12</sup>

A forma que o poeta William Shenstone (1714-1763) deu ao parque e jardim “Leasowes” que cercava sua residência, perto de Birmingham na Inglaterra, anos após a sua morte ainda atraía visitantes do país e do exterior, que viajavam até lá para apreciar a “paisagem”.<sup>13</sup> Os sucessivos relatos de visitantes impediram que essa “paisagem”, embora já desfigurada, caísse no esquecimento.<sup>14</sup> Assim, em 1786, quase um quarto de século após a morte de Shenstone, o terceiro presidente dos Estados Unidos da América, Thomas Jefferson (1743-1826; presidente de 1801 a 1809), também esteve em Leasowes, embora já quase nada mais restasse de sua antiga forma. Em seus *Memorandums Made on a Tour to Some of the Gardens in England*, ele escreveu: “This is not even an ornamented farm”.<sup>15</sup> Se tivesse escrito em alemão, ele provavelmente teria anotado “*dies ist nicht einmal ein Beispiel für Landesverschönerung*”.<sup>16</sup> Jefferson estava interessado numa forma de democracia baseada

na agricultura e empenhava-se em concretizar sua noção de paisagem na propriedade que possuía em Monticello, Virginia.<sup>17</sup> Na França, a Leasowes de Shenstone foi considerada uma espécie de Arcádia moderna, “une sorte d’Arcadie moderne”,<sup>18</sup> como “ferme ornée”, i.e. como um sítio ornamentado.

Em Ermenonville,<sup>19</sup> propriedade que herdou em 1762, localizada a nordeste de Paris, René-Louis de Girardin (1735 - 1808) levou décadas para formar, não uma Arcádia moderna, mas uma “paisagem” que pretendia opor-se às regras da corte absolutista francesa e aproximar-se de ideais democráticos, uma “paisagem” destinada a atrair pintores que a reproduzissem em suas obras.<sup>20</sup> O elemento mais conhecido de Ermenonville é uma ilha localizada num lago artificial, ornada com álamos que se erguem como colunas, onde foi edificado o túmulo do filósofo suíço-francês Jean Jacques Rousseau (1712-1778) que, em seus últimos dias de vida, ficou hospedado ali a convite de Girardin. Uma reprodução da Ilha de Rousseau forma a entrada dos Jardins de Wörlitz,<sup>21</sup> construídos nas últimas décadas do século 18, e a Ilha de Rousseau que se encontra nos Jardins Britz em Berlim, onde no ano de 1985 se realizou a *Bundesgartenschau* (Exposição de Jardinagem), constitui uma das mais recentes referências a Ermenonville.

Do ponto de vista econômico e político, Girardin era um fisiocrata. Naquele tempo, o programa social dos fisiocratas inspirava-se na rica nação inglesa e em sua próspera agricultura. Os fisiocratas opunham-se aos mercantilistas. O representante mais ilustre dos fisiocratas, François Quesnay (1694 - 1774), era médico particular de Madame Pompadour e de Luís XV. Em 1758,

<sup>12</sup> TURNER, James. *The Politics of Landscape, Rural Scenery and Society in English Poetry 1630-1660*. Cambridge, Massachusetts, 1979. Ver SMITH, Sheila. The ladies draw it in their books: The picturesque in some Victorian literary landscapes, *Journal of Garden History*, 1992, v. 17, n. 3, p. 208-213. Ver DARBY, Wendy Joy. *Landscape and Identity, geographies of nation and class in England*. Oxford, 2000.

<sup>13</sup> SAMBROOK, James. Parnell’s Garden Tours: Hagley and The Leasowes. In: MACCUBIN, Robert P.; MARTIN, Peter (Eds.). *British and American Gardens in the Eighteenth Century*, Williamsburg, Virginia, 1984. p. 51-64.

<sup>14</sup> WHITEHEAD, David. Leasowes, West Midlands, England. In: SHOEMAKER, Candice A. (Ed.). *Chicago Botanic Garden Encyclopedia of Gardens, History and Design*. Chicago, 2001. v. 2, p. 773-776.

<sup>15</sup> JEFFERSON, Thomas. *Memorandums Made on a Tour to Some of the Gardens in England*, abgedruckt. In: HUNT, John Dixon; WILLIS, Peter. (Eds.). *The Genius of Place, The English Landscape Garden 1620 – 1820*. London, 1786. p. 333-336, hier: p. 335.

<sup>16</sup> GRÖNING, Gert. The idea of land embellishment. As exemplified in the Monatsblatt für Verbesserung des Landbauwesens und für zweckmäßige Verschönerung des bayerischen Landes (Monthly for improvement of rural architecture and appropriate embellishment of the state of Bavaria) from 1821 to 1829. *Journal of Garden History*, 1992, v. 12, n. 3, p. 164-182.

<sup>17</sup> BEISWANGER, William L. The Temple in the Garden: Thomas Jefferson’s Vision of the Monticello Landscape. In: MACCUBIN, Robert P.; MARTIN, Peter. (Eds.). *British and American Gardens in the Eighteenth Century*, Williamsburg, Virginia, 1984. p. 170-188. Aqui se faz menção a um texto sem data de Jefferson intitulado “General ideas for the improvement of Monticello” (1984, p. 182) e ao livro que lhe servia de guia para plantar nas proximidades da casa *Die Schöne Landbaukunst* de Friedrich MEINERT, publicado em 1798 em Leipzig (1984, p. 183).

<sup>18</sup> CONAN, Michel H. Postface. In: GIRARDIN, René-Louis de. *De la composition des paysages, ou des moyens d’embellir la Nature autour des Habitations, enjoignant l’agréable à l’utile*. Genève, 1777. wieder herausgegeben von Michel H. CONAN, Paris, 1979, p. 207.

<sup>19</sup> WEBSTER, Constance A. Ermenonville. Oise, France. SHOEMAKER, Candice A. (Ed.). *Chicago Botanic Garden Encyclopedia of Gardens, History and Design*. Chicago, 2001. v. 1, p. 439-441.

<sup>20</sup> CONAN, op.cit., p. 239.

<sup>21</sup> Sobre esse assunto ver HIRSCH, Erhard. *Dessau-Wörlitz, Zierde und Inbegriff des XVIII. Jahrhunderts*, München, 1988.

Quesnay publicou o livro “Tableau économique”. Ele acreditava ter formulado nesse livro a lei natural da economia. No fundo, os fisiocratas conceberam a visão de uma China liberta, governada por um imperador camponês. Essa concepção, embora pareça um tanto incomum, tinha fundamentos reais. O imperador chinês Qian Long, que governou de 1736 a 1796, permitira a um jesuíta que atuasse em sua corte em Pequim. Muitos relatos que descreviam a situação na corte do imperador foram enviados à Europa, também a Paris. Algumas pessoas que tiveram acesso a tais relatos, entre elas Quesnay, basearam-se neles para conceber suas próprias idéias sobre reforma social.<sup>22</sup>

Como os fisiocratas vissem na agricultura a única base capaz de promover o bem-estar de um povo, consideravam também que somente a agricultura deveria ser tributada e não a indústria, o comércio e as profissões, uma vez que estes últimos não poderiam melhorar o bem-estar gerado pelo solo, ou seja, pela agricultura. A indústria, o comércio e as profissões deveriam transferir os impostos que lhes fossem atribuídos inteiramente à agricultura. Segundo Quesnay, a sociedade era formada por duas classes: a classe produtiva, constituída por agricultores e proprietários de terra e a classe estéril, formada por comerciantes, artífices e operários manufatureiros.<sup>23</sup> Essa percepção errônea do desenvolvimento social deu início, na França, à transformação dos jardins ingleses em paisagens idílicas, entre os anos de 1770 e 1780.<sup>24</sup>

Do ponto de vista dos latifundiários, podemos dizer que os fisiocratas lhes forneceram os argumentos filosóficos, econômicos e morais de que precisavam para se apresentarem como legítimos guardiões do paraíso agrícola e, como eu acrescentaria, também do paraíso paisagístico. Um grupo social relativamente pequeno encontrou nesse entendimento de “paisagem” o argumento para justificar seu domínio sobre muitos outros.

O pretense retorno ao que os fisiocratas denominavam natureza forneceu o pretexto para o estabelecimento de uma ordem supostamente determinada por Deus, na qual poucos dominavam muitos.

Na Alemanha, Franz von Anhalt-Dessau (1740 - 1817), que no ano do falecimento de Shenstone (1763) fez uma visita a Leasowes, no final do século 18 e início do século 19, transformou em realidade sua visão de “paisagem” nos seus jardins em Dessau e circunvizinhanças.<sup>25</sup> Franz von Anhalt-Dessau também se inspirou na agricultura progressista da Inglaterra e simpatizava com a concepção da época sobre a China, a mesma que se encontrava no pensamento dos fisiocratas. Da mesma forma, Peter Josef Lenné (1789 - 1866), considerado pai dos paisagistas na Alemanha e que também estivera na Inglaterra<sup>26</sup>, trabalhava, na cidade de Potsdam e arredores, na criação de uma paisagem-“residência” destinada aos reis da Prússia.<sup>27</sup> Na Baviera, na segunda década do século 19, o arquiteto Gustav Vorherr (1778 -1847) empreendeu um experimento no sentido de “embelezar de forma apropriada o país bávaro”,<sup>28</sup> referindo-se à relação - representada simbolicamente por um triângulo - entre arquitetura, agricultura e jardinagem, sendo essa relação o fundamento do seu conceito de “paisagem”. Entretanto, nem Vorherr nem Lenné fazem qualquer menção à economia política dos seus conceitos. Porém, nas publicações do início do século 19 que se referem ao embelezamento do país (*Landesverschönerung*), a relação com a fisiocracia parece-me evidente.

## A “PAISAGEM” DA ERA NACIONAL-SOCIALISTA

Os conceitos de “paisagem”, expressos no mencionado embelezamento do país (*Landesverschönerung*), serviram de ponto de partida aos nacional-socialistas – de forma inconsciente, como sou tentado a dizer à primeira vista – quando, no início da Segunda Guerra Mundial, decidiram constituir nas regiões tomadas à Polônia uma “paisagem” para os alemães.<sup>29</sup> Um dos apologistas do conceito nacional-socialista de paisagem, Erhard Mäding, em seu livro intitulado *Landespflege* (Cultivo da terra), publicado em Berlim em 1942, dizia que

<sup>22</sup> Sobre esse tema ver também REICHWEIN, Adolf. *China und Europa, darin das Kapitel “Physiokratie”*. Berlin, 1923. p. 109-119.

<sup>23</sup> CONAN, op. cit., p. 230.

<sup>24</sup> Ibid., p. 228.

<sup>25</sup> HIRSCH, Erhard. *Dessau-Wörlitz, Zierde und Inbegriff des XVII. Jahrhunderts*, München, 1985<sup>1</sup>, 1988<sup>2</sup>.

<sup>26</sup> LENNÉ, Peter Josef. *Allgemeine Bemerkungen über die Britischen Parks und Gärten*: Fragmente aus dem Reise-Journal, Verhandlungen des Vereins zur Beförderung des Gartenbaues in den königlich preußischen Staaten, 1824, v. 1, p. 82-96.

<sup>27</sup> Sobre o assunto consulte também BUTTLAR, Florian von. (Ed.). *Peter Josef Lenné, Volkspark und Arkadien*, Berlin, 1989.

<sup>28</sup> GRÖNING, op. cit.

<sup>29</sup> Ver explanação detalhada in: GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. Die Liebe zur Landschaft, Teil III: Der Drang nach Osten, Zur Entwicklung der Landespflege im Nationalsozialismus und während des Zweiten Weltkrieges in den “eingegliederten Ostgebieten”. *Arbeiten zur sozialwissenschaftlich orientierten Freiraumplanung*, Band 9, München, 1987.

a configuração da paisagem torna-se uma missão cultural de importância vital na atualidade. A atividade de dar forma à paisagem ultrapassa em muito as condições de vida físicas e orgânicas. Os alemães serão o primeiro povo ocidental a imprimir na paisagem também a sua alma e assim, pela primeira vez na história da humanidade, será alcançada uma forma de vida em que um povo conscientemente autodetermina, de maneira abrangente, as condições locais de seu bem-estar físico e psíquico.<sup>30</sup>

Para a formação dessa paisagem nacional-socialista-alemã o *Reichsführer-SS* Heinrich Himmler (1900 - 1945), ao mesmo tempo *Reichskommissar für die Festigung deutschen Volkstums - RKF* (Comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum*<sup>31</sup> alemão) mandou estabelecer “normas paisagísticas” sob o título *Die Gestaltung der Landschaft in den eingegliederten Ostgebieten* (A configuração da paisagem nas regiões orientais incorporadas), que entraram em vigor como “Decreto geral nº 14/VI do *Reichsführer SS, Reichskommissar für die Festigung deutschen Volkstums*, de 21 de dezembro de 1942”.

Além de uma série de disposições que ainda hoje parecem ser úteis, o decreto regulamenta outros aspectos, que são dignos de nota e comprovam a questionabilidade do conceito de “paisagem” implícito. O planejamento autoritário que se expressa nas normas paisagísticas e as noções de “paisagem” que pressupõem uma relação harmônica dos alemães com a natureza, relação essa que se fundamenta em princípios raciais e está em oposição à de outros povos, podem ser exemplarmente constatados na análise superficial que o mencionado decreto faz da “Paisagem no Leste” e nas insustentáveis idéias sobre a utilização de plantas consideradas nativas.

Na introdução aos objetivos das normas paisagísticas, lemos:

Amplas extensões da paisagem nas regiões orientais incorporadas estão negligenciadas, despovoadas e devastadas pela exploração exaustiva, em consequência da incapacidade cultural de um

*Volkstum* estrangeiro. Contrariando as condições locais, grandes áreas assemelham-se a estepes. Para o homem germânico-alemão, porém, a relação com a natureza é uma necessidade vital profunda... Para que os novos espaços vitais possam tornar-se a verdadeira pátria dos povoadores, a configuração da paisagem, de forma planejada e compatível com a natureza, é condição decisiva. É fundamento para a consolidação do *Volkstum* alemão. Não é pois suficiente ocupar essas regiões com o nosso *Volkstum*, eliminando o *Volkstum* estrangeiro. Esses espaços devem adquirir um cunho condizente com a essência do nosso caráter, a fim de que o homem germânico-alemão possa sentir-se em casa, permaneça lá e esteja disposto a amar e a defender sua nova pátria.<sup>32</sup>

Para que o homem germânico-alemão pudesse sentir-se em casa, as normas paisagísticas proibiam a utilização de plantas que não fossem consideradas nativas do ponto de vista “germânico”. Assim, as orlas das matas consistiriam de “espécies de madeira nativa, compatível com a região”<sup>33</sup> e para a arborização dos povoados seriam utilizados “apenas arbustos e árvores autóctones, de folhas verdes”.<sup>34</sup> A conotação racista torna-se bastante evidente no conceito de “paisagem” expresso na seguinte cláusula das normas paisagísticas:

Deverão ser utilizadas somente plantas nativas e compatíveis com a região, nascidas de sementes da melhor raça, que garantam o máximo rendimento em madeira e frutos. Variedades estranhas, de folhagem vermelha, amarela, azul ou colorida, devem ser evitadas, da mesma forma plantas portadoras de doenças genéticas, as de reprodução assexuada, as de ramos pendentes, as de filamento torcido e as de porte nanico.<sup>35</sup>

Os conceitos relativos à utilização de plantas autóctones, nativas, como elementos constitutivos da “paisagem alemã”, continuaram influenciando o planejamento paisagístico da velha República Federal da Alemanha e renascem, no final do século 20 e início do século 21, no contexto do que se costuma chamar de planejamento “ecológico” ou “jardim naturalista”.<sup>36</sup> Mas os argumentos mudaram. A fundamentação nacionalista

<sup>30</sup> MÄDING, Erhard. *Landespflege*. Berlin, 1942. p. 215.

<sup>31</sup> Nota da tradutora: O Dicionário Universal da Editora Duden apresenta esta definição para o termo *Volkstum*: “Essência, peculiaridade de um povo, que se expressa em sua vida e cultura”.

<sup>32</sup> Allgemeine Anordnung, n. 14/6, 1942, p. 51.

<sup>33</sup> Ibid., p. 55.

<sup>34</sup> Ibid., p. 57.

<sup>35</sup> Ibid., p. 56.

<sup>36</sup> Sobre „Naturgarten“ consulte GRÖNING, Gert. Ideological Aspects of Nature Garden Concepts in Late-Twentieth Century Germany. In: WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. (Ed.). *Nature and Ideology. Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture*, 18. Washington, D.C., 1997. p. 187-219.

e racista deu lugar a argumentos “ecológicos”, que servem para banir da “paisagem alemã” árvores, arbustos e subarbustos considerados não-nativos.<sup>37</sup>

Como a dificuldade em se constatar se uma planta é ou não alemã pode fazer com que algumas pessoas comecem a refletir, procura-se salvar a absurda argumentação, pelo menos parcialmente, insistindo em que a planta, se não for alemã, deva ser, pelo menos, nativa da Europa Central. Durante uma conferência sobre o tema “Aspectos culturais da paisagem”, realizada na Ex-Tchecoslováquia (1991), tentaram explicar-me onde se situava a fronteira da Europa Central. Disseram-me que a linha divisória passaria pelo centro da Tchecoslováquia, sendo que a Boêmia e a Moravia fariam parte da Europa Central, enquanto a Eslováquia pertenceria à Europa Oriental.

O escritor Siegfried Lenz discutiu uma faceta desse “novo” e questionável ideário paisagístico em seu romance *Der Exerzierplatz* (Campo de manobras), publicado em 1985. Primeiramente ele descreve como, nos primeiros anos da República Federal da Alemanha, o personagem Zeller, proprietário de um horto florestal em Schleswig-Holstein (ele havia fugido da Prússia Oriental ao término da Segunda Guerra), em sinal de protesto contra um certo decreto ministerial, queima cem mil mudas de carvalho em frente à prefeitura de sua cidade. Ele as cultivara a partir de sementes vindas da Romênia, que não apresentavam nenhuma diferença em relação às alemãs. A narrativa prossegue com um diálogo em que os motivos de Zeller são esclarecidos. A citação a seguir foi extraída desse trecho do romance:

Tinham inventado umas leis novas lá no ministério e, para se garantirem, foram desenterrar outras leis, mais antigas; o chefe disse que não podia imaginar nada pior: essas leis exigem que todas as árvores germinem de sementes alemãs, do contrário não podem ser vendidas. Árvore de linhagem, Bruno, pense bem, esses peritos exigem que cada planta seja uma árvore de linhagem, é isso que eles inventam lá nos seus gabinetes; querem que em terra alemã só entre semente alemã. Só falta mandarem adubar a terra com estrume de vaca alemão.<sup>38</sup>

## A “PAISAGEM” DOS ADVERSÁRIOS DA URBE

No início dos anos setenta do século 20, surgiu um movimento de oposição à cidade grande. Era, de certa forma, o reaparecimento da adversão à cidade que se originara nas últimas décadas do século 19.<sup>39</sup> Procuraram tirar proveito desse movimento também os que defendiam a reforma “ecológica” da cidade. Podemos fazer uma idéia do contexto se imaginarmos um “ecossistema cidade”, constituído apenas de uma linha de edifícios, envoltos por nuvens de poluição. Essa representação reducionista da cidade comporta somente conceitos negativos, como atmosfera poluída, umidade do ar reduzida, águas canalizadas, lençóis freáticos rasos, relevo aplainado, solo compactado, deserto de epífitas, etc.<sup>40</sup> Muitos dos que se sentem comprometidos com esses conceitos parecem persuadidos de que uma cidade nada mais é que uma “paisagem” altamente danificada.<sup>41</sup> Parecem estar terminantemente convencidos de que devemos renunciar à cidade. Levados mais por compaixão com essa “área de atuação humana” que, em sua opinião, está fadada ao declínio, do que por uma compreensão, ainda que parcial, das possibilidades do aglomerado urbano, estão dispostos a tolerar ali o que, na sua opinião, são “plantas não-nativas”, portanto menos valiosas.

Pesquisas da época relacionadas à “paisagem” restringem-se sempre a levantamentos sobre a flora e, vez por outra, também a levantamentos sobre a fauna. Análises políticas, sociais e econômicas prestam-se, quando muito, a contaminar a “paisagem intacta” e são, portanto, inexistentes. Tais levantamentos sobre a “paisagem” implicam preceitos que se referem às supostas qualidades das plantas, como por exemplo, à sua capacidade de produzir oxigênio para as cidades, de atenuar ruídos ou de elevar o nível dos lençóis freáticos. Será que os sauditas, constatando falta de oxigênio, solicitaram a ajuda de paisagistas alemães para arborizar as cidades localizadas no meio do deserto? Será que árvores e arbustos plantados ao longo das ruas diminuem a intensidade do ruído? Na verdade, só áreas densamente arborizadas, com muitos metros de largura, promovem a efetiva atenuação do ruído, o que, em vista da largura

<sup>37</sup> GROENING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. Some notes on the mania for native plants in Germany. *Landscape Journal*, 1992, v. 11, n. 2, p. 116-126.

<sup>38</sup> LENZ, Siegfried. *Der Exerzierplatz*. Hamburg, 1985. p. 412.

<sup>39</sup> Sobre esse assunto consulte PFEIL, Elisabeth. *Großstadtforschung*. Bremen-Horn, 1950. Consulte também BERGMANN, Klaus. *Agrarromantik und Großstadtfreundschaft, Abendroth, Wolfgang*. (Hg.). *Marburger Abhandlungen zur Politischen Wissenschaft*. Band 20, Meisenheim am Glan, 1970.

<sup>40</sup> Consulte a explanação correspondente In: SUKOPP, Herbert; KUNICK, Wolfram. *Die Großstadt als Gegenstand ökologischer Forschung*. TUB, Zeitschrift der Technischen Universität Berlin, 1973, v. 5, p. 710-717.

<sup>41</sup> Consulte, por exemplo, a resposta de CHARLESWORTH (1993) ao artigo „Some Notes on the Mania for Native Plants in Germany” de Joachim WOLSCHKE-BULMAHN e minha autoria In: *Landscape Journal*, v. 11, n. 2, p. 116-126. 1992.

que as nossas ruas costumam ter, não seria praticável em lugar algum. Será que deveríamos contraminar o funcionamento dos milhares de motores que são necessários para manter secos os túneis dos metrô e de outras construções subterrâneas? Diante de tais juízos, freqüentemente implícitos no conceito de “paisagem”, e diante da importância crescente da organização das cidades em todo o mundo, verificamos mais uma vez a questionabilidade do conceito.

## A “PAISAGEM” DE CUNHO ANTROPOSÓFICO

Um grupo de paisagistas, os “advogados da paisagem”, subordinados ao comandante Alwin Seifert (1890-1972),<sup>42</sup> (advogado paisagista do *Reich* no período nazista), foram encarregados de promover a incorporação “paisagística” das rodovias e a camuflagem “paisagística” das fábricas de armamentos. Nos dias de hoje, os paisagistas se apresentam como instituição criada no pós-guerra pela velha República Federal da Alemanha e como porta-vozes da “paisagem silenciosa”.<sup>43</sup>

Seifert e outros paisagistas, entre eles Camillo Schneider (1876-1951),<sup>44</sup> Werner Bauch (1902-1983),<sup>45</sup> o advogado paisagista Max Karl Schwarz (1895-1963),<sup>46</sup> (este organizara uma escola de jardinagem na cidade de Worpsswede com base na “administração biodinâmica”<sup>47</sup>) e a paisagista Herta Hammerbacher (1900-1985)<sup>48</sup> eram adeptos da horticultura biodinâmica e da antroposofia. Da mesma forma, Rudolf Heß (1894-1987), suplente do líder nacional-socialista Adolf Hitler

(1889-1945), estava vinculado à antroposofia.<sup>49</sup> Como a teosofia, que afirma ter um conhecimento direto da natureza de Deus e do mundo, também a antroposofia reivindica para si um saber elitista que, pelo menos em parte, permanece enigmático a quem se encontre na posição de observador, e que, por outro lado, se diz comprometido com uma certa noção conservadora de “paisagem”.

Algumas publicações<sup>50</sup> já revelaram indícios de uma conexão entre o nacional-socialismo, a antroposofia e o paisagismo. A horta do campo de concentração de Dachau, por exemplo, era cultivada por métodos biodinâmicos.<sup>51</sup> Anteriormente, toda vez que eu, em ocasiões informais, mencionava que supunha essa conexão, meus interlocutores reagiam indignados, argumentando, por exemplo, que as Escolas Waldorf tinham sido fechadas e os livros de Rudolf Steiner (1861-1925), proibidos pelos nacional-socialistas. É fato que a partir de 1933 a fundação de novas escolas e a ampliação das já existentes foi proibida e, em 1935, “a sociedade antroposófica foi dissolvida sob o pretexto de manter contato com a maçonaria, com judeus e pacifistas estrangeiros” e “neste ponto normalmente termina a historiografia antroposófica”.<sup>52</sup> Em 1938, as Escolas Waldorf foram fechadas em sua maioria; ao mesmo tempo, porém, foi aprovado o requerimento de algumas delas, que continuaram funcionando “como escolas experimentais do Estado, em bases nacional-socialistas e administradas por diretores de confiança”.<sup>53</sup> “Só depois que Heß foi para a Inglaterra, a última das Escolas Waldorf foi fechada, e isso aconteceu em Dresden, em 1941”.<sup>54</sup>

<sup>42</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Eintrag Seifert, Alwin*. Berlin, 1997. p. 361-363.

<sup>43</sup> GRÖNING, Gert. The Feeling for Landscape—a German Example. *Landscape Research*, v. 17, n. 3, p. 108-115. 1992.

<sup>44</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Eintrag Schneider, Camillo*. Berlin, 1997. p. 341-344.

<sup>45</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Eintrag Bauch, Werner*. Berlin, 1997. p. 28-29.

<sup>46</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Eintrag Schwarz, Max Karl*. Berlin, 1997, p. 357-358.

<sup>47</sup> SCHWARZ, Max Karl. Der Gartenorganismus. Grundsätzliches zum “Kommenden Garten”. *Gartenschönheit*, v. 14, n. 12, p. 236-239, hier p. 238.

<sup>48</sup> Sobre este tema consulte também WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim; GRÖNING, Gert. Der 100. Geburtstag von Herta Hammerbacher - Ein Anlaß zum Nachdenken. *Stadt und Grün*, v. 50, n. 1, p. 35-39. 2001. Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien, Eintrag Hammerbacher, Herta*. Berlin, 1997. p. 126-127.

<sup>49</sup> GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. „Ganz Deutschland ein großer Garten“, *Landespflege und Stadtplanung im Nationalsozialismus. Kursbuch*, Anmerkung 2., n. 112, p. 29-46. 1993.

<sup>50</sup> WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. Biodynamischer Gartenbau, Landschaftsarchitektur und Nationalsozialismus. *Das Gartenamt*, v. 42, n. 9, p. 590-595; n. 10, p. 638-642. 1993.

<sup>51</sup> WUTTKE-GRONENBERG, Walter. Volks- und Naturheilkunde auf „neuen Wegen“. Anmerkungen zum Einbau nicht-schulmedizinischer Heilmethoden in die nationalsozialistische Medizin. *Argument Sonderband AS 77*, Berlin, 1983.

<sup>52</sup> RUDOLPH, Charlotte. Waldorf-Erziehung, Wege zur Versteinerung. *Sammlung Luchterhand*, v. 727, Hamburg, hier p. 94-95. 1987.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 95.

## O PAPEL DA “PAISAGEM” NO SÉCULO 20 E INÍCIO DO SÉCULO 21

Depois que determinadas “paisagens” tinham sido descobertas com a ajuda de escritores e pintores, no decorrer do século 20, principalmente na segunda metade desse século, na Europa e nos Estados Unidos, a “paisagem” tornou-se objeto de percepção superficial nos momentos de lazer. Em 1919, foram introduzidos na Alemanha, pela primeira vez, dias de férias regulamentares.<sup>55</sup> Entretanto, uma legislação específica para as férias foi aprovada na República Federal da Alemanha só em 1963. Mais ou menos nessa época teve início em todo o mundo a busca, em grande escala, por esse tipo de “paisagem”.

Tomando como exemplo a charneca (*Heide*), demonstramos recentemente como uma área denominada por pintores e escritores de “paisagem de charneca” (*Heidelandschaft*) deu origem a um modelo de paisagem que foi reproduzido em inúmeras variações em parques e jardins particulares. Além dos pintores e escritores, também os fotógrafos, os produtores de cartões postais, os apóstolos da pureza racial alemã que supostamente ainda seria encontrada na população da *Lüneburger Heide* (Charneca de Lüneburg), assim como os cientistas e os programas de ensino de paisagismo das escolas superiores contribuíram para que a charneca fosse considerada uma “paisagem”.<sup>56</sup>

A percepção da “paisagem” em outras partes do mundo, os questionamentos que possa ter gerado e a influência que porventura tenha tido sobre a nossa própria percepção, são aspectos ainda totalmente desconhecidos. A título de exemplo, vale mencionar aqui certas grandes áreas no Brasil, às quais, como supostas

florestas virgens, europeus e americanos atribuem determinado conceito de “paisagem”.<sup>57</sup> Tudo indica que as áreas hoje ocupadas por florestas pluviais no Brasil, há mais de dez mil anos atrás, já foram habitadas, quando tinham forma de savana.<sup>58</sup> Segundo relatos de viajantes, na região da Amazônia existiram cidades com cerca de cem mil habitantes.<sup>59</sup> Se esses habitantes tinham uma percepção de “paisagem” e qual teria sido essa percepção, é um assunto também (ainda) desconhecido.

Atualmente, ou seja, no início do século 21, ainda existem pessoas no Brasil que não atribuem nenhum sentido ao conceito de “paisagem”. Sabemos que também os escritores da Europa Antiga não conheciam o conceito de “paisagem”.<sup>60</sup> Para alguns índios brasileiros do Norte do Amazonas o conceito de “olhar a floresta” tem o significado de “caçar”.<sup>61</sup> Sabemos que os índios Yanomani (ainda) não demonstram nenhum interesse pela “paisagem” que os pesquisadores europeus e americanos consideram um pressuposto natural. Em sua língua, os Yanomani utilizam a mesma palavra para significar “floresta” e “terra”.<sup>62</sup>

Uma reivindicação comum em relação às cidades é que não tenham suas “realidades paisagísticas” totalmente desfiguradas e ocultadas do olhar humano, mas o que significa isso?<sup>63</sup> Que relevância tem a categoria de vale glaciário numa cidade grande? Que considerações econômicas e políticas estão contidas em cada um dos conceitos de paisagem? O que os respectivos autores esperam que entendamos por “paisagem”?<sup>64</sup>

Uma “paisagem” alternativa? Não. O que se apresenta como alternativa são as próprias cidades e as regiões no interior das cidades, onde devem existir espaços livres e também elementos contidos em alguns dos conceitos de “paisagem”. Nesse sentido, o ponto de

<sup>55</sup> BURKHARDT, Richard. *Ein Kampf ums Menschenrecht, Hauptvorstand der IG Druck und Papier*. (Hg.). Stuttgart, 1974. hier p. 79.

<sup>56</sup> GRÖNING, Gert. SCHNEIDER, Uwe. Die Heide in Park und Garten - Zur Geschichte und Bedeutung des Heidemotivs in der Gartenkultur. *Grüne Reihe - Quellen und Forschungen zur Gartenkunst*, Band 19, Worms. 1999.

<sup>57</sup> FLITNER, Michael. (Hg.). *Der deutsche Tropenwald, Bilder, Mythen, Politik, Frankfurt am Main*. 2001; consulte principalmente BADENBERG, Nana. *Ansichten des Tropenwaldes, Alexander von Humboldt und die Inszenierung exotischer Landschaft im 19. Jahrhundert*.

<sup>58</sup> Ab'SABER, A. N. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas*, v. 3, p. 1-19, 1977; siehe auch PRANCE, G. T. (Ed.). *Biological diversification in the tropics*. New York, 1982.

<sup>59</sup> Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH (Hg.) o.J. *Zukunft Regenwald*, Eschborn, 2000.

<sup>60</sup> Sobre esse assunto consulte RITTER, Joachim. *Landschaft. Zur Funktion des Ästhetischen in der modernen Gesellschaft* (gehalten als Rede bei der Übernahme des Rektorates November 1962), wiederabgedruckt, 1978. In: GRÖNING, Gert; HERLYN, Ulfert. (Hg.). *Landschaftswahrnehmung und Landschaftserfahrung. Arbeiten zur sozialwissenschaftlich orientierten Freiraumplanung*, Band 10, Münster, p. 28-68, 1996.

<sup>61</sup> Consulte o artigo de Mona SUHRBIER sobre „Indigene Landschaftsbilder und -malerei in Amazonien“ in diesem Band.

<sup>62</sup> Observação feita por uma participante do simpósio no Museu das Culturas (Museum der Weltkulturen) em 28 set. 2001.

<sup>63</sup> SCHULZ, Bernhard. Die Stadt Berlin mit der Landschaft versöhnen, Ausstellung zum 100. Geburtstag des Architekten Hans Scharoun in der Akademie der Künste. *Der Tagesspiegel*, v. 22, n. 14653, p. 21. Aug. 1993.

<sup>64</sup> A residência grã-burguesa do advogado BAENSCH é ornada por um jardim “paisagístico” criado pelos paisagistas Hermann MATTERN (1902-1971) e Herta HAMMERBACHER (1900-1985). Através de uma placa de cimento, o jardim forma a continuidade da casa, e o arquiteto Hans SCHAROUN fez a janela emoldurar uma imagem da área que deve ser apreciada como paisagem. Com que objetivo? Seria, porventura, para administrar à pintora e esposa do advogado (seu marido raramente estava em casa) uma dose de “mundo intacto” em forma de “paisagem”, como compensação ou como suposto sedativo para a falta de vida social e vida familiar?

partida não são as leis da natureza ou a exigência de que a “paisagem” deva ser a lei. Com tendência crescente, as pessoas em todo o mundo se organizam em cidades. É preciso, então, nas cidades, tentar satisfazer os múltiplos interesses humanos das mais variadas formas, o que significa levar em consideração que muitas pessoas não querem viver somente em espaços cercados por construções, mas também em espaços livres, onde possam encontrar-se para as mais diversas atividades e onde possam vivenciar a presença de plantas e animais crescendo e vivendo ao ar livre.

Pesquisando a história, encontramos no âmbito da Associação *Groß-Berlin*, fundada em 1912, idéias para o desenvolvimento de espaços livres, como as que foram formuladas teoricamente por Martin Wagner (1885-1957)<sup>65</sup> em sua política de áreas livres para os espaços urbanos. Em certo sentido, podemos compará-las aos projetos desenvolvidos em 1920 pela Associação *Ruhrkohlenbezirk* e aos que foram desenvolvidos por Ernst May e Max Bromme (1878-1974)<sup>66</sup> em Frankfurt am Main.<sup>67</sup> Na era da República de Weimar, em diversos lugares, foram elaborados planos com o fim de assegurar e constituir espaços livres<sup>68</sup>, e muitos desses planos foram considerados úteis até o início do século 21.<sup>69</sup> Faziam parte de uma cultura metropolitana dinâmica. Parques públicos, áreas de desportos, pequenos jardins, áreas de recreação infantil, cemitérios, bosques, etc. eram atribuições importantes dos departamentos comunais de jardinagem, criados em muitas cidades no final do século 19 e início do século 20.<sup>70</sup>

Embora as diferentes conotações que o conceito de “paisagem” implica venham sendo tematizadas há décadas, é curioso observar que um entendimento bastante conservador de “paisagem” sobreviva incólume.<sup>71</sup> No âmbito de tal entendimento, ao invés do interesse em pesquisar o significado de “paisagem” nas

diferentes sociedades e épocas, encontramos a tentativa de determinar, de uma maneira como que nomotética, um significado que jamais foi estável e cuja validade também nunca foi aceita por todos.

Repetidamente, porém, surgem dúvidas inteiramente fundadas em torno de um tal entendimento de “paisagem”. Assim, por exemplo, os paisagistas da empresa berlinense “Topotek 1” temem “a pretensa realidade do conceito de “paisagem” e “preferem considerar sua atividade, independentemente das dimensões de cada projeto, apenas como “jardim””.<sup>72</sup> Tendo em vista a superpopulação, a poluição do ar, das águas e do solo, a escassez ou má distribuição dos recursos naturais, a instabilidade climática, o retorno ou surgimento de epidemias, o ódio étnico e religioso, a desertificação de amplas regiões em consequência da guerra, a exploração exaustiva e as usinas nucleares, não seria oportuno, se é que pretendemos desenvolver um conceito de “paisagem”, que esse conceito não exclua o homem, mas o inclua com toda a sua diversidade?

Enquanto “paisagem” não expresse também os interesses dos muitos e variados grupos sociais, o conceito me parece ser bastante questionável. Concluindo, aponto ainda, como um fenômeno cabível no presente contexto, as doutrinas das Igrejas. No ocidente, é comum as pessoas irem à Igreja, confessarem os pecados cometidos e serem eximidas desses pecados, às vezes até se pode pagar por isso. Mas não só no ocidente. Observei o mesmo em templos da China e do Japão e provavelmente também seja assim em muitos outros países. Concordo plenamente com Frederick Crews, professor emérito de Inglês da Universidade da Califórnia em Berkeley, que recentemente escreveu:

So long as we regard ourselves as creatures apart who need only repent of our personal sins to retain heaven's

<sup>65</sup> WAGNER, Martin. Städtische Freiflächenpolitik. *Schriften der Zentralstelle für Volkswohlfahrt*, Neue Folge, Heft 11, Berlin, 1915. Siehe auch Amt für Stadtplanung der Stadt Berlin. (Hg.). Die Freiflächen der Stadtgemeinde Berlin, *Denkschrift*, Berlin, n. 2. 1929.

<sup>66</sup> Para mais informações biográficas e bibliográficas consulte GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Grüne Biographien*, Eintrag Bromme, Max. Berlin, 1997. p. 54-55.

<sup>67</sup> Garten- und Friedhofswesen des Städtischen Siedlungsamtes Frankfurt am Main (Bearb.) 1928: Die Erhaltung der alten Nidda, *Denkschrift über die landschaftliche Ausgestaltung der Ufer der Nidda, die Sicherung der Altarme und den Ausbau der Niddabäder bei Rödelheim, Hausen, Praunheim und Eschersheim*, Frankfurt am Main.

<sup>68</sup> GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. Zur Entwicklung und Unterdrückung freiraumplanerischer Ansätze der Weimarer Republik. *Das Gartenamt*, v. 34, n. 6, p. 443-458. 1985.

<sup>69</sup> GRÖNING, Gert. Die Suche nach der „Landschaftsmitte“. *Kursbuch*, Berlin, n. 131, p. 55-69. 1998.

<sup>70</sup> GRÖNING, Gert; WOLSCHKE-BULMAHN, Joachim. *Von der Stadtgärtnerei zum Grünflächenamt, 100 Jahre kommunale Freiflächenverwaltung und Gartenkultur in Hannover (1890-1990)*. Berlin, 1990.

<sup>71</sup> Sobre esse assunto consulte também GRÖNING, Gert; HERLYN, Ulfert. (Hg.). *Landschaftswahrnehmung und Landschaftserfahrung. Arbeiten zur sozialwissenschaftlich orientierten Freiraumplanung*, Band 10, Münster, 1995.

<sup>72</sup> SCHRÖDER, Thies. thinking + working, Feireiss, Kristin und Hans-Jürgen Commerell (Hg.), topotek 1, thinking + working, Landesgartenschau Eberswalde. Berlin, 2002. p. 8-12.

blessing, we won't take the full measure of our species-wide responsibility for these calamities. An evolutionary perspective, by contrast, can trace our present woes to the dawn of agriculture ten thousand years ago, when, as Niles Eldredge has observed, we became 'the first species in the entire 3.8-billion-year history of life to stop living inside local ecosystems.' Today, when we have burst from six million to six billion exploiters of a biosphere whose resilience can no longer be assumed, the time has run out for telling ourselves

that we are the darlings of a deity who placed nature here for our convenience. We are the most resourceful, but also the most dangerous and disruptive, animals in this corner of the universe. A Darwinian understanding of how we got that way could be the first step toward a wider ethics commensurate with our real transgressions, not against God but against Earth it self and its myriad forms of life.<sup>73</sup> [A estas palavras não tenho nada a acrescentar].

<sup>73</sup> CREWS, Frederick. Saving Us from Darwin, Part II. *The New York Review of Books*, v. 48, n. 16, p. 51-55, hier p. 55. 2001.